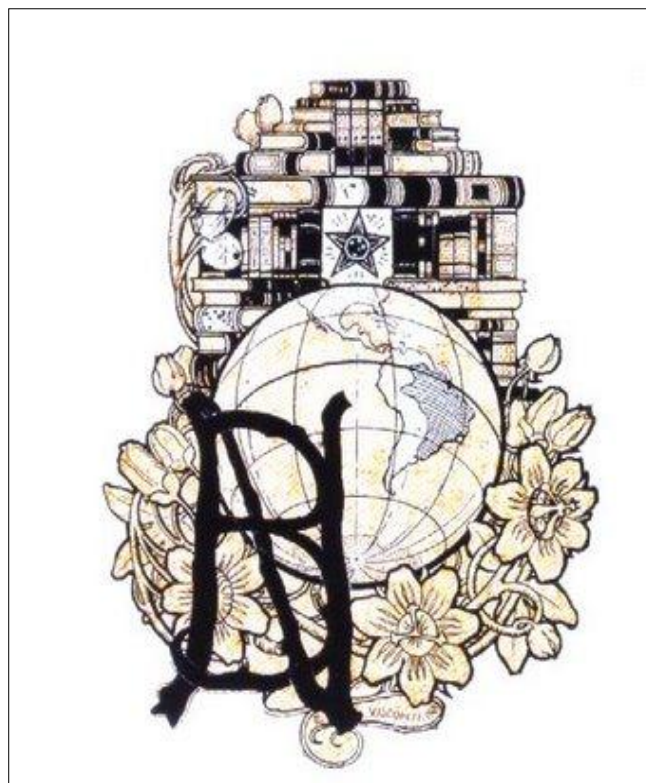


Fundação Biblioteca Nacional

Ministério da Cultura



Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

2012

Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

Fundação Biblioteca Nacional - MinC



Maíra Castanheiro Magalhães de Moraes

Poesia Marginal: um ensaio de carnaval

2012

Resumo

O objetivo principal deste texto é apresentar e entender o debate nos órgãos de imprensa oficiais e alternativos, acerca da cena contracultural brasileira em geral e mais especificamente o fenômeno literário ‘Poesia Marginal’ na cidade do Rio de Janeiro. As fontes nos dão indícios de como este fenômeno literário-cultural surge, em quais circunstâncias, nos apresenta alguns de seus personagens, nos responde alguns porquês em troca de vários outros porquês.

Palavras-chaves: Poesia Marginal, Geração Mimeógrafo, Contracultura, Imprensa Nanica, Imprensa Alternativa.

Introdução

Foram analisadas 38 publicações que tratavam da Poesia Marginal e/ou Geração Mimeógrafo na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1970 a 1984. As mesmas foram veiculadas nos seguintes jornais: Jornal do Brasil (1891- até os dias atuais) e Jornal Opinião (1972-1977) em cadernos ou colunas destinados a literatura e cultura em geral. Tais fontes estão disponíveis online no arquivo da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Primeiramente foi feita uma leitura das fontes, em seguida um fichamento das mesmas, depois foram identificados os temas que as fontes traziam a tona para o tema em questão (A Poesia Marginal/Geração Mimeógrafo), logo os temas foram analisados e foi feito um cruzamento de debates: os debates que as próprias fontes traziam e os debates com a própria história.

Ao analisar as matérias publicadas nos ditos jornais, percebemos que a maioria dos autores que abordam o tema Poesia Marginal/Geração Mimeógrafo são autores que falam de dentro, ou seja, os próprios personagens escrevem e problematizam sua própria história.

Não é objetivo da pesquisa aprofundar sobre a natureza das fontes estudadas, embora caiba ao historiador investigar a natureza das mesmas. As fontes se referem às matérias veiculadas nos jornais: Jornal do Brasil e Opinião, ambos publicados na cidade do Rio de Janeiro. O Jornal do Brasil durante o período da ditadura militar apoiou o regime e tornou-se o principal jornal. Em contraponto, o Jornal Opinião era o jornal da Imprensa Alternativa ou a Imprensa Nanica como era chamada na época. O jornal Opinião junto com o Movimento, entre outros periódicos alternativos, se opunham ao

regime militar, e por essa razão todos tiveram suas redações fechadas devido às censuras impostas pelo regime militar. Logo, as fontes estudadas do período de 1980-84 se referem apenas ao Jornal do Brasil, já que o jornal Opinião se encontrava extinto desde 1977 pelo regime.

Portanto, a leitura e análise das fontes nos permitem acompanhar o debate que jornalistas, ensaístas, escritores, poetas, produtores culturais, intelectuais, universitários, leitores, entre outros, travaram durante os anos de 1970 a 1984. O debate perpassou por toda uma transição política que vivenciou o país nestes tempos. O Brasil sofreu uma forte ditadura militar desde o AI-5 em 1968. Em 1979 houve a Anistia e lentamente se inicia o processo de abertura política. Em 1984 temos oficialmente o fim da ditadura militar e o começo de um novo governo democrático.

As matérias aqui estudadas não denunciam diretamente as censuras, repressões, perseguições políticas e intelectuais, do regime militar. A falta de denúncias do tipo nos faz crer o quão era forte e “eficiente” a censura imposta pelo regime militar aos veículos de comunicações. Logo, a Imprensa Alternativa/Imprensa Nanica se tornam as principais fontes para a história contracultural brasileira.

O fato das fontes corresponderem às jornais distantes, enquanto uma é oficial a outra é alternativa, são ideologicamente e politicamente opostas, nos faz perceber mais uma brecha, entre tantas outras, que os poetas e artistas em geral criaram para driblar o regime militar. Nos mostra também que a literatura, marginal ou não, estava na pauta do dia. Expressões como ‘surto poético’, ‘boom literário’, revelam uma verdadeira proliferação da palavra poética.

Entre os anos de 1970-79, percebemos através das matérias examinadas que os atores que compõem a cena poética e/ou o mundo da literatura de modo geral, encontram algum espaço nos jornais Opinião e Jornal do Brasil para atuar. Neste período encontramos apenas 6 publicações no jornal Opinião contra 14 publicações no Jornal do Brasil relacionados a Poesia Marginal/Geração Mimeógrafo.

Em seus debates, críticas, análises e desabafos, os autores apresentam suas preocupações em relação à Poesia Marginal/Geração Mimeógrafo, os seus porquês e denúncias: o número reduzido de leitores; o alto custo do livro; a falência do mercado editorial, a falta de apoio e incentivos a escritores e editoras independentes.

No período 1980-84 foram encontradas 18 publicações no Jornal do Brasil dedicadas a Poesia Marginal/Geração Mimeógrafo entre matérias e divulgações de

livros e eventos literários. Muitas matérias e artigos irão tentar explicar os rumos os quais tomou a Poesia Marginal após uma década, a de 70, intensa.

Entretanto, muitas matérias anunciam as produções poéticas da Geração Mimeógrafo/Poesia Marginal. A quantidade de anúncios de lançamentos de livros, de matérias que trazem a tona novos autores e produções, nos mostra o quão estava em voga a poesia, em especial, a dita cuja Poesia Marginal.

Poesia Marginal: um verão tropical

Na década de 1970 na calorosa cidade do Rio de Janeiro, não era apenas o verão que parecia estar a 40º graus. Ao parecer, a poesia também fervia a 40º graus. Um ‘surto poético’ contagiava a cidade. O ‘boom literário’ explodia extrapolando os vidros das vitrines das livrarias e as prateleiras empoeiradas das bibliotecas. Nos bares, cafés, livrarias, praças, universidades, portas de teatros e shows, poetas lançavam suas palavras rodadas em mimeógrafos. Cheirando a álcool essas poesias chegavam às mãos de transeuntes desavisados. Vendidos de mão em mão a preços acessíveis, seus livros eram artesanais e muitas vezes rudimentares quanto aos aspectos gráficos.

Estes poetas eram jovens e desconhecidos que a berros versejavam a realidade brasileira e em especial a realidade vigente no mundo literário. Desconhecidos ou esquecidos ou marginalizados, estes poetas decidiram protagonizar sua produção atraindo atenção de jornalistas, críticos literários e acadêmicos sobre este novo fenômeno literário.

Tal fenômeno literário, logo batizado de Poesia Marginal e/ou Geração Mimeógrafo, provoca uma reflexão cotidiana sobre o devir poético. O que é poesia, o que é ser poeta, qual é a sua função, serão questões debatidas diariamente. “Trata-se fundamentalmente, de uma questão de postura que não nos remete apenas ao universo literário, mas a cultura como um todo”. “É um conjunto de experiências sociais no sentido mais amplo do termo”. (PEREIRA, 1981, pp.93)

A poesia entra na pauta do dia das redações dos jornais Opinião e Jornal do Brasil. Os cadernos e/ou colunas literárias dos mesmos vão entrar no debate do mundo literário, convidando os próprios poetas, além de críticos e jornalistas para discutirem a cena poética do momento.

Dentre os artigos dedicados à Poesia Marginal/Geração Mimeógrafo, publicados nos periódicos Opinião e Jornal do Brasil, há muitos outros temas que não se restringem apenas a Poesia Marginal, esta passa a ser um gancho para que várias outras questões do

mundo literário sejam pautadas. Na busca de entender o que é a Poesia Marginal, quem é a Geração Mimeógrafo, muitos dos artigos tratam de problematizar a história da literatura brasileira, ou seja, o seu processo histórico.

O crítico literário Wilson Coutinho em um artigo intitulado *Poesia pelas brechas* publicado na seção *Tendências e Cultura* do jornal Opinião, nos faz uma rápida trajetória histórica dos movimentos vanguardistas da literatura brasileira:

No Brasil a poesia agitou e chegou a ser vanguarda das artes em períodos de intensa efervescência política e social. Em 22, com o projeto modernista, como sumo de agitadas transformações sociais. Na década de 50/60, com o projeto concreto inscrito num ambiente de democracia e ideologia desenvolvimentista. Esses movimentos poéticos valorizaram a idéia de dar ao país sua dimensão contemporânea, atrelá-lo à sensibilidade moderna¹.

Para Carlos Alberto Messeder Pereira, a cultura brasileira viveu a experiência da contracultura de modo bastante peculiar. A transição poética-cultural que a cultura brasileira sofreu durante 60/70 foi marcada por uma “falência cultural”: falência do populismo e do desenvolvimentismo, falência no “poder revolucionário” da esquerda. A transição da década de 60 para 70 foi marcada por uma profunda crise, o que resultou em duas gerações intelectuais. Uma é a geração ‘cepecista’(CPC – Centro Popular de Cultura, ligada a UNE o CPC atuou na década de 60) que propunha a arte como um instrumento revolucionário, de transformação social, ou seja, uma poética participante. A outra geração é a vanguardista liderada pela Poesia Concreta, Poesia Processo e a Poesia Práxis. A Poesia Marginal herda muitos traços do modernismo de 22 e do tropicalismo e se opõe ao concretismo, uma poesia/linguagem erudita, acadêmica e racional.

A poesia Marginal, (...) pode-se afirmar que este tipo de produção poética é fundamentalmente pós-tropicalista. Acredito, no entanto, que este fenômeno da ‘poesia marginal’ seja expressivo em termos da reorientação cultural que significou a passagem dos anos 60 para os 70, no Brasil. (PEREIRA, 1981, pp.83)

Os diversos movimentos de contracultura trouxeram à tona a prática política cotidiana nas menores ações, o que Carlos Alberto Messeder Pereira define como uma ‘politização do cotidiano’. Marcados por seus antitecnicismo e antiintelectualismo, os poetas marginais criticavam duramente as instituições e a esquerda partidária, “questionava-se profundamente o caráter ‘retórico’ das formas institucionalizadas de crítica social, incluindo-se aí o pensamento de esquerda”. (PEREIRA, 1981, pp.92)

Wilson Coutinho vê a Poesia marginal como uma continuidade dos movimentos literários de vanguardas: a semana de arte moderna de 22 e o Tropicalismo. “Essa aproximação viria acompanhada de uma série de argumentos políticos, seja da busca de uma cultura brasileira, seja da crítica ao caráter “elitizante” ou intelectualista da poesia²”. No entanto, em relação à vanguarda da Poesia Concreta a Poesia Marginal se contrapõe. O debate entre a Poesia Marginal e a Poesia Concreta é um tema que será bastante explorado em vários artigos, como por exemplo, o artigo *A Poesia Massacrada*, de Antonio Fernando, publicado no jornal Opinião no ano de 1976.

Antonio Fernando identifica certa facção ou tendência antipoética entre a faixa “consumidora de cultura” que se auto proclama de “marginal”, “contra toda a espécie de rigor formal”. “Essa tendência, no entanto, não se restringiria a essa facção. É, aliás, muito mais ampla, e parece ter-se tornado mesmo o solo em que boa parte do debate (ou da disputa) se trava³”.

A Poesia Marginal/Geração Mimeógrafo é por essência mais democrática, pois, a sua poesia permite abarcar e dialogar com vários estilos. “Há uma democratização geral dos textos, dos procedimentos. Ninguém tem mais o pudor de escrever verbalmente e mesmo a poesia visual, sem clima para expandir-se, tornou-se uma tradição a mais⁴”. Wilson Coutinho acredita que a Poesia Concreta canonizou-se a si própria:

Além do espaço político e favorável, é bem verdade que o projeto concreto possuía uma vontade de saber mais eficiente. Tinha uma percepção mais complexa das contradições da cultura e da literatura e dialetizava dentro do seu meio. Os concretistas sabiam ler. (...) Construíram tanto um orgânico modelo de leitura como de produção. Os concretas tinham os “tiques” do saber universitário e um pé na transgressão⁵.

Através das leituras e estudos dos artigos, podemos notar partes de capítulos da história dos movimentos literários brasileiros, as fontes examinadas contribuem para apreendermos a atmosfera que rondava o mundo literário na cidade do Rio de Janeiro nos idos 70’s. As mesmas nos fornecem indicativos para a construção da história da Poesia Marginal/Geração Mimeógrafo. A matéria *Poesia Brasileira – A produção e discussão confinadas aos poetas*, das autoras Norma Couri e Emília Silvéria, publicado no caderno B do Jornal do Brasil no ano de 1974, nos traz um ‘panorama’ não só da Poesia Marginal/Geração Mimeógrafo, senão do mundo literário em geral.

As autoras expõem o debate entre a Poesia Marginal e a Poesia Concreta, as mesmas argumentam que há uma crise no mundo literário, no mercado editorial e que

tais crises podem ter sido provocadas também, dentre outros fatores, pela alta erudição e proposta poética da Poesia Concreta. Para justificar tal argumento, as autoras trazem vários críticos literários para o debate. O escritor Silviano Santiago acredita que a Poesia Concreta por seu extremo rigor no fazer poético, acabou dificultando a poesia tornando-a difícil de ser consumida. “O problema básico é que a cena brasileira vai ser marcada pela coexistência pacífica de duas correntes, uma que continua o espírito de vanguarda, outra que retorna os valores da geração de 45⁶”.

Nesta mesma linha de raciocínio segue o crítico Eduardo Portella:

Enquanto persistir o homem, persistirá a necessidade de poesia. A crise que existe é justamente provocada pela nova poesia, que procurou resolver o problema com instrumentos não poéticos: promoveram a demissão do signo verbal sob a alegação de que estavam “dinamizando a estrutura do poema”. E o que aconteceu foi exatamente o contrário, porque o elemento visual é um componente, não pode assumir o comando do poema⁷.

Para o crítico e professor de literatura, Ivan Cavalcanti Proença (diretor do departamento editorial da Editora Cátedra e ex-diretor do setor de literatura da José Olympio), a Poesia Concreta dá origem a toda esta “orgia vanguardeira”. Entre o underground e o desbunde. “O poema concreto, esvaziando a estrutura da frase, a possível lógica do pensamento, propondo jogos lúdicos e formais, palavra pela palavra, favoreceu de certa forma esse barroquismo, que afasta e incompatibiliza leitor/poema”. O crítico ataca os concretistas, o poema processo e a poesia práxis, e toda esta “confraternização” visual, que segundo Ivan, não conseguiu produzir nem um bom quadro, uma boa figura, um poema.

Como na presença de todo espaço democrático o reino é o da política. De leituras políticas e leitores políticos, tomados isto num sentido mais amplo. E não mais leitores estéticos. Trata-se de valorizar no processo as contradições e estratégias que indicam como elas se incidem no campo cultural. Se os concretos e sua “leitura” estetizaram o leitor trata-se de politizá-los. Quem sabe que, fugindo da monotonia e da asfixia da valorização universitária, do crítico moderado, surja para agitar esta área, o crítico do “mimeógrafo”? O crítico do desejo e da ação⁸.

A Poesia Concreta, marcada por sua erudição estética, por sua revolucionária proposta de linguagem, pelo seu academicismo e tecnicismo, enfrenta dificuldades de aceitação entre os poetas marginais, os quais estão mais preocupados com as questões do ‘aqui e agora’, ou seja, estão mais focados em levar a poesia ao público e com ela informar o mesmo e provocá-lo.

No prefácio do livro *Ebulição da Escrivatura – trezes poetas impossíveis*, editado pela Civilização Brasileira em 1978, os autores culpam o concretismo devido ao

fato que desde 1968 não se há produzido nada no âmbito cultural que tivesse repercussão nacional.

Esta é, praticamente, uma geração (...) cujos integrantes, não podendo reunir-se em grupos para criar movimentos de grande repercussão, tiveram que produzir sozinhos seus trabalhos. E como o momento é de opressão, (...) dela está nascendo uma poesia reflexiva e bastante consciente quanto ao uso da palavra. (PEREIRA, 1981, pp.64)

Carlos Alberto Messeder Pereira defende que na década de 70, a vida cultural brasileira estaria passando por um processo de “politização do cotidiano”, e a Poesia Marginal seria uma expressão disso. Pensar e agir no aqui e agora. Importavam-lhes às questões cotidianas, ou seja, o devir poético.

Pessoas que vivem um processo de formação e participação mais intensas e mais sistemáticas e tomam consciência de seu papel de produtores explícitos de cultura, bem como passam a desempenhar tal papel mais ativamente, se não apenas nos anos 70, pelo menos no período pós-68, ou seja, numa conjuntura política, econômica, cultural marcada por profundas transformações. (PEREIRA, 1981, pp.34)

O autor ressalta a importância dos 68 no sentido de que a ‘experiência do cotidiano’, a ‘experiência privada/particular’, ou seja, as questões políticas passam a serem discutidas em pequenos grupos que desde então, propõem-se a práxis.

Assim o próprio cotidiano, mesmo para setores significativos da intelectualidade de esquerda mais habituada a grandes questões políticas, assume uma conotação política; assume o papel do locus do questionamento, da crítica social. A discussão política; em grande medida, para questões ‘pequenas’ surgidas da experiência cotidiana dos agentes sociais. (PEREIRA, 1981, pp.90)

Um dos traços marcantes da Poesia Marginal é a sua preocupação com as questões de seu tempo. Através da poesia, os poetas buscam atualizar e alertar o povo para os assuntos do dia, já sejam de ordem política, econômica, social, cultural.

A década de 70 vai assistir um revigoramento de uma poesia mais discursiva e referencial: (...) nós estamos numa época de poesia referencial, isso eu acho (...) eu acho que realmente (...) a poesia voltou, de certa maneira, a entrar dentro de uma (...) urgência de reportar o que está acontecendo fora... de escrever o que está acontecendo fora. (PEREIRA, 1981, pp.38)

Muitos autores sugerem que a Poesia Marginal nasce em meio a uma ‘crise no mundo literário’, em meio a uma ‘falência do mercado editorial’. Em muitas publicações em periódicos iremos encontrar revelações da falência do mercado editorial, onde muitos autores debatem as dificuldades impostas pelo mercado editorial aos poetas e escritores em gerais, levando-os a marginalização no mundo literário. São

diversas as matérias publicadas nos jornais Opinião e Jornal do Brasil nos quais os autores questionam às editoras e as responsabilizam-na pela falta de público-leitor, dentre outras coisas.

O autor Abel Silva em uma matéria intitulada “*a literatura pela porta dos fundos*”⁹ publicada no Jornal Opinião no ano de 1973 expõe os problemas que poetas e escritores enfrentam. Abel Silva denuncia o alto custo do livro, o qual é “naturalmente” caro (entre 20 e 30 cruzeiros¹⁰). Por isso, o público também não se arrisca a pagar um alto valor por um autor desconhecido, logo, as editoras preferem publicar os Best-seller e os clássicos.

O poeta Antonio de Carlos Brito (Cacaso) também segue o mesmo raciocínio de Abel Silva. Para o poeta Cacaso:

A crise não é da poesia, mas sim do sistema literário nacional, seja pelo estrangulamento provocado pelo moralismo, seja – e principalmente pela ruptura entre autores e editoras, estas interessadas em Best-sellers ou em autores já conhecidos. Certo: como empresas comerciais e não caritativas, as editoras precisam pensar no aspecto da vendagem do que editam. Isso não impede que a política editorial seja asfixiante, pois na ausência de pesquisas de mercado recorrem ao produto de vendagem certa, que normalmente é aquele livro fácil e redundante que nada acrescenta. Se, ao contrário houvesse uma linha diversificada, a situação poderia ser outra¹¹.

Nesta mesma direção, o escritor Paulo Rangel aponta que as editoras não acreditam nos autores brasileiros, dando crédito a autores estrangeiros e aos Best-sellers: “estes já vem com todo marketing: press-releases, telefotos, escândalos promocionais, filmes...”¹².

Embora as matérias examinadas pertençam a jornais cariocas e as maiorias dos seus autores sejam do eixo sul-sudeste, a ‘falência do mercado editorial’, a ‘crise no mundo literário’ tendia a ser nacional, devido a uma falta de política nacional para a literatura, como nos mostra o *Dossiê: Quem são os jovens que escrevem neste país? Quatro críticos analisam a ficção desses jovens*, publicado no Jornal do Brasil em 1975, o escritor Hélio Pólvora (Jornalista, escritor, crítico literário e editorialista do Jornal do Brasil) nos expõe

a dificuldade editoriais e vários fatores que, em nosso país, impedem a afirmação de vozes novas no campo da literatura e artes em geral. A falta de revistas literárias e suplementos de literatura editados pelos jornais que constitui, juntamente com o desestímulo de setores oficiais, o principal obstáculo a um movimento literário, ativo e fecundo. O escritor novo, na Bahia, como em outro centro cultural do país, será o herói solitário, que tenta se exprimir a contrapelo das circunstâncias¹³.

Cacaso denuncia o mercado, pois para o poeta o mercado de poesia é maior que os editores pensam. E que o problema reside na inércia dos empresários que utilizam como regra o apadrinhamento. Porém, o autor sinaliza que este mercado vem mudando e abrindo um pouco os espaços, a exemplo disso, temos vários poetas trabalhando em jornais, assim como as editoras: Civilização Brasileira e Nova Fronteira, que vem publicando poesia.

Virgilio Moretzsohn Moreira, poeta e chefe do Departamento Editorial da Livraria Francisco Alves Editora, explica que não é a poesia que não está sendo editada, mas sim a ficção em geral, um autor para corresponder à vendagem demora cinco anos, se gasta 50 cruzeiros num livro de 250 páginas, sem ilustração. Só vende autores já consagrados. E sinaliza que o único caminho para o poeta é a coedição e/ou a edição própria. Ainda culpa também os órgãos da imprensa e do jornalismo por não divulgarem poesia de vanguarda.

Para Ivan Cavalcanti Proença,

as grandes empresas, as editoras, fazem a jogada que lhes interessa, não publicando poetas, contistas e autores novos, mas também a nossa pretensa vanguarda faz o jogo da alienação quando pensa que a literatura pode prescindir de um significado, de um tratamento conteúdístico¹⁴.

Porém, o sentido de Poeta/Poesia Marginal é muito mais amplo. Para alguns poetas, o fato de sua poesia e logo o produto literário (o livro) estar à margem das grandes editoras, o fato de ser responsável pelo o processo de produção e distribuição (venda) não é suficiente para ser um Poeta Marginal. A Poesia Marginal também depende de sua estética marginal.

Muitos poetas recorriam a uma produção/distribuição marginal por ser a única via, ou seja, há poetas marginais por opção, imposição e consequência. Marginalizado, o poeta é posto numa situação nova e cheias de consequências: já que não conta com apoio editorial, e menos ainda com o sistema de interesse e promoção a ele ligado, também não tem de guiar por seus critérios. O poeta é levado a um descompromisso crescente com outras esferas do mundo institucionalizado, o que pode ter implicações propriamente literárias e de concepção. (PEREIRA, 1981, pp.46)

Porém, o sentido de Poesia Marginal não está limitado na justificação de esta estar à margem das editoras. Para o autor o sentido de Poesia Marginal está atrelado a um caráter totalizador: “(...) a própria linguagem atualizada nos textos, o tratamento dado aos temas e questões, o acabamento gráfico dos livros, a organização dos

lançamentos, as concepções do que seja poesia, arte, poeta, artista e etc.”. (PEREIRA, 1981, pp.63)

O autor acredita que devemos ver a Poesia Marginal de maneira articulada: “forma de produção, distribuição, temática, linguagem, maneira de abordar as questões, acabamento gráfico etc., etc., - (...) só assim se poderá pensar a ‘poesia marginal’ como um fenômeno específico e inovador”.

Deste modo surge a possibilidade de um rompimento mais ou menos profundo e sistemático com as formas de produção estabelecidas por aquele mesmo universo, bem como as relações sociais que processo pressupõe e engendra. É dada ao artista a possibilidade de assumir o processo de produção de seu produto (tanto num sentido simbólico quanto material) com um todo. (...) você começa a entregar o livro na mão das pessoas que de fato leem (...). Quando você começa fazer a distribuição, você então vai na mão de quem realmente lê. (PEREIRA, 1981, pp.57)

Entretanto, muitos escritores/poetas vão fazer suas edições/publicações às margens das editoras, porém não são marginais no sentido totalizador o qual descreve o autor Carlos Alberto M. Pereira.

Sendo assim, toda a poesia é de alguma forma marginal, já que todos encontram dificuldades de serem editados e publicados. Assumir todo o processo - distribuição e produção - é mais uma questão de sobrevivência do que uma questão ideológica. E muitos destes poetas não têm nenhum enfrentamento e/ou resistência com as editoras. Porém, essa produção marginal acabou por transformar a relação com o público. “Por estarem intimamente associadas ao caráter desta produção e distribuição, dão a este um significado especial”. (PEREIRA, 1981, pp. 53)

Além das dificuldades do mercado editorial apontadas aqui, temos também vários artigos de críticos literários, escritores e jornalistas, que questionam a qualidade literário-poética da dita cuja produção. Os autores põem em cheque a qualidade em relação à quantidade nas quais não estão na mesma proporção. A falta de qualidade é então vista como um fator a mais para a ‘crise no mundo literário’. Para Abel Silva, apesar de a Poesia Marginal ganhar espaço e ter representatividade no mundo literário, na crítica literária e na academia, não são todos que alcançam uma qualidade poética:

as experiências marginais têm proliferado. Muitos poucos escapam de um nível geral de extrema mediocridade. O que caracteriza uma evidente mistificação do processo. Como se este processo tivesse por osmose, a capacidade de salvar a literatura que torna pública¹⁵.

Eduardo Portella, editor de *Tempo Brasileiro*, diz que a poesia quando tem qualidade vende, a exemplo de João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes.

Nos últimos anos nenhum novo poeta brasileiro conseguiu alcançar a aceitação de Carlos Drummond de Andrade, João de Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira ou Vinícius de Moraes, ensinados nas escolas de nível médio, nas universidades e lidos pelo mais diferentes tipos de público. Por quê? Será que não há bons poetas entre as novas gerações? Ou simplesmente a sua voz não pode ser ouvida? Críticos, poetas e editores comentam o momento poético atual, e das opiniões desencontradas, pelo menos uma conclusão talvez se torne possível: há uma volumosa produção poética atual, mas ela está nas gavetas dos poetas, ou em folhas mimeografadas, cuja distribuição é feita de mão em mão, e às vezes, bem poucas vezes, cobertas de poeiras nas estantes das livrarias¹⁶.

Poesia Marginal a 40º graus: cenas de curtos verões cariocas

Como já foi dito anteriormente, os artigos publicados para além de denunciar a ‘falência do mercado editorial’, a ‘crise no mundo literário’, também e principalmente anunciam a nova poesia e a problematizam. Essa nova poesia, logo batizada de ‘marginal’ traz muitos porquês: se não houvesse a ‘falência no mercado editorial’, a ‘crise no mundo literário’, seria possível a Poesia Marginal? A mesma seria possível sem as antecedentes vanguardas como o modernismo de 22, o tropicalismo, o CPC, e até mesmo o concretismo? Estas perguntas vão permear todo o percurso da Poesia Marginal e os artigos investigados revelam o interior destas questões.

Maria Amélia Mello publica uma importante matéria - *O escritor novo já tem quem dê o recado* - na qual ela nos desenha o universo da Poesia Marginal:

Poesia? Impossível editar seu trabalho. Além do mais, autor novo não vende. Esse vaticínio parece algo do passado. Estaria começando um novo ciclo da literatura brasileira? O autor inédito estaria por fim, ganhando terreno na sua luta para desengavetar originais? Pelo menos uma coisa é certa: ele está encontrando veículos para divulgar a sua produção – as publicações literárias, cada dia mais frequentes e chegando de toda parte¹⁷.

A autora afirma que há uma onda de literatura no momento, “pela quantidade de publicações editadas em vários Estados, e envolvendo diversos grupos, parece que estamos em um momento rico e agitado da literatura nacional”. As revistas de lazer vêm dedicando-se a literatura, e os cursos de comunicação social e letras vêm crescendo em todo o país, assim como vários concursos de poesia e contos. “Atualmente, a cada dia uma enxurrada de revistas chega às nossas mãos vindas (como em outras fases) dos pontos mais distantes, de norte a sul¹⁸”. Essas outras fases, as quais se refere Maria Amélia Mello, se compreende a primeira metade do século XX, especialmente o ano de 1945. “No período que se inicia por volta de 1945, verificou-se pelos Estados um surto

de publicações de revistas, que divulgaram manifestações literárias diversas, especialmente uma valiosa contribuição de estudos críticos¹⁹”.

A década de 70 vem resgatar esse surto, “apesar dos pesares, 1975, veio aflorar muita força contida, muita idéia em andamento. Muito original amarelado de tanto esperar saiu do fundo da gaveta. As revistas de literatura vão renascendo mais uma vez²⁰”. Entre os anos 1975 e 1976, na cidade do Rio de Janeiro houve um número bastante grande de produções de livros de Poesia Marginal. Os lançamentos dos livros tinham um curto intervalo de tempo entre um e outro.

Muitos autores e/ou pequenos grupos poéticos promoviam suas publicações em forma de eventos literários, conhecidos como ‘artimanhas’ e ‘happenings’. Tais eventos tinham como objetivo principal em divulgar a poesia, muito mais do que vender o livro, levar a poesia ao povo, ao público. Na cidade do Rio de Janeiro, na década de 70, 3 espaços foram fundamentais para as atuações poéticas marginais: Museu de Arte Moderna, Parque Lage e Livraria Muro.

Inicialmente é importante voltar a salientar o quanto esta ‘poesia marginal’ é pouco ‘literário’ tendo em vista as formas tradicionais de poesia e de literatura. Um outro dado importante é também a ênfase marcante que há em todo esse movimento de ‘poesia marginal’ sobre a questão de comportamento; e isso, obviamente, era um componente fundamental dos lançamentos e das artimanhas. (PEREIRA, 1981, pp. 98)

Portanto, o Poeta Marginal tem relação direta com o leitor. À medida que o Poeta Marginal vai atrás do leitor, é estabelecida uma relação direta entre eles. Logo, a figura do escritor/poeta e por consequência o produto deste – o livro - tomam outro carácter, principalmente quanto aos aspectos gráficos e estéticos da produção poética marginal, no qual, a sua estética ‘pobre’, rudimentar, tem um propósito. Muitas vezes, estas produções poéticas não são consideradas mercadorias, embora sejam, pois como já foi dito antes, os poetas iam até o público para venderem seus livros.

A Poesia Marginal amplia o conceito de livro podendo este ser: folhetos, fanzines, envelopes, à mão, mimeografado, em off-set, publicação poética, texto, desenho...

isto é, o processo de constituição desta produção poética realizada fora dos circuitos editoriais oficiais, produção esta que assumia um carácter às vezes artesanal, vendida de mão em mão etc., etc., acompanhada da constituição de grupos e de todo um discurso crítico produzido por críticos literários. (PEREIRA, 1981, pp.22)

O poeta ao assumir todo o processo, desde a criação, produção, distribuição/circulação, acaba por estabelecer uma nova divisão do trabalho, ou seja, já não há uma oposição entre trabalho intelectual e atividade manual. O Poeta Marginal rompe com este dilema.

Quando o autor roda o próprio trabalho no mimeógrafo ou mesmo acompanha mais de perto a impressão na gráfica, quando ele participa diretamente da venda do seu produto ou mesmo quando o leva até a algumas livrarias especiais (uma vez que não é qualquer uma que está disposta a comercializar este tipo de produto), temos diante de nós, modificações sensíveis. Acho interessante salientar que estas alterações apontam, principalmente, no sentido de enfatizar uma não-especialização (ou pelo menos, um questionamento talvez bastante sutil da rigidez dos modelos usuais de especialização do trabalho em geral, seja do trabalhador artístico em particular e, mais especialmente do fazer poético. (PEREIRA, 1981, pp.58)

Diante da batalha invisível com o mercado editorial, o poeta e o escritor não tem outra saída senão publicar ele mesmo o seu livro para não morrer esquecido com suas poesias engavetadas.

O acesso do autor novo aos meios estabelecidos foi-se tornando cada vez mais difícil. Como solução imediata para este impasse, surgiu o autofinanciamento. Dando ao criador outras funções. Ao seu trabalho intelectual ele acrescentou o controle do empreendimento gráfico, a distribuição manual, divulgação precária e lucros incertos para a próxima produção. Os jovens autores passaram a veicular seus livros em portas de teatro, galeria de arte, universidades, bares da moda, algumas livrarias. Logo esses produtores marginais, receberam o rótulo de “geração mimeógrafo”, passando este recurso técnico a uma saída, menos sofisticada, mas tão válida quanto uma edição em off-set ou logotipo de editora. Esse tipo de técnica permitiu uma proliferação à margem do sistema editorial, despertando interesse e semeando um caminho fértil, à espera, quem sabe, de uma chuva mais forte²¹.

Logo, os ditos poetas marginais irão justificar suas ações – desde a criação a produção, distribuição e circulação – como uma missão para salvar não só a literatura, mas a cultura nacional. O escritor Paulo Rangel lança sua própria editora: PR – Edições Especiais depois de ter seu livro recusado em quatro editoras. “Em vez de as editoras lançarem escritores, um escritor lança sua editora”. Paulo Rangel recomenda que cada escritor e poeta busque seu próprio caminho para publicar seus livros, já que não é possível nas editoras. Mimeógrafos, cooperativa com os amigos, “livro de ouro” para obter colaborações etc., são algumas alternativas. “E não deve ficar envergonhado de usar estes recursos: agindo dessa maneira estará criando condições para que o processo editorial seja revisto, evitando assim a falência da cultura nacional”.

Uns dos grandes problemas que as edições marginais enfrentam é o número reduzido de tiragens de suas publicações, sendo a cooperativa uma saída para tal problema. “(...) Um dos maiores empecilhos da publicação marginal – da publicação não por editoras – é que você não consegue fazer tiragens grandes (...) o custo da produção você não tem como cobrir”.

poesia, são poucas pessoas que vendem mais de mil exemplares, você conta no dedo quem vende mais de mil exemplares, enquanto isso um poeta que vai pra uma porta de teatro, ele pode vender 3 mil exemplares... porque as

peças compram; você oferecendo, as peças compram. As peças não entram em livraria para comprar, mas você oferecendo na mão elas compram. (PEREIRA, 1981, pp.57)

O poeta e professor de literatura, Antonio Carlos de Brito junto com outros poetas lança o Frenesi, uma alternativa já que não conseguiriam publicar com uma editora.

Resolvemos inventar um mecanismo para resolver o nosso caso. Através da Mapa Filmes conseguimos dinheiro emprestado em um banco e imprimimos nosso livro na gráfica Fon-Fon. A tiragem foi de 1.100 exemplares e como toda coleção foi feita num esquema meio artesanal: a distribuição também será²².

Os autores Antonio Carlos de Brito e Abel Silva nos dão um panorama da produção poética marginal do ano de 1973, nos mostram alguns exemplos de editoras marginais como a COPIBEL – Edições Marginais, de Belo Horizonte. A editora se propõe a lançar autores novos com impressão de baixo custo, rodado em mimeógrafo o livro é vendido por cinco cruzeiros. A COPIBEL lança três autores: Murilo Rubião, Luis Vilela e Roberto Drummond.

O volume com os três nas Edições Marginais têm características de denúncia. Fala de uma época de extrema dificuldade não apenas para o desprezado “jovem escritor”, mas para o escritor brasileiro de modo geral. Roberto Drummond, um dos autores, diz: já é hora do povo consumir realmente literatura, como consome televisão²³.

Muitas destas edições/publicações alternativas aconteceram em ambientes universitários. Em 1973 as escolas de comunicação da Universidade Federal Fluminense (Niterói) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro) também tinham suas publicações literárias rodadas em mimeógrafo. A primeira edita em mimeógrafo uma antologia com oito autores novos que leva o título de Ruído II. A segunda publica o FETO.

Em outubro de 1975, depois de cinco anos sendo idealizada, se torna material a revista Escrita que em seu primeiro número começou com 11 mil exemplares, logo no segundo número passou para 20 mil exemplares, a revista Escrita,

dedica bom espaço aos contistas e poetas ditos marginais. Não passará muito tempo e a “geração mimeógrafo” vai tomar o lugar das vacas sagradas na literatura nacional. Chama-se geração mimeógrafo porque sua obra não tem editores. Isso porque os editores não enxergam direito e esse tipo de autor não vive a rondá-los²⁴.

Em janeiro de 1976 é lançada a revista Ficção que foi um sucesso de venda, no primeiro número vendeu 12 mil exemplares.

Virada do Verão 80

Nos anos 80 a produção seguirá e novos grupos/movimentos virão a surgir. Dentre muitas publicações referentes ao período 1980-84, encontramos muitas matérias que refletem o ‘passado’ da Poesia Marginal/Geração Mimeógrafo, que falam da mesma com nostalgia, lhe dando um lugar sagrado na história contracultural brasileira.

Os anos 70 foram os da geração mimeógrafo, das poesias impressas em off set e vendidas em exposições, boutiques, noites de autógrafos, universidades. Foram também dos jornais alternativos, dos filmes independentes, dos romances auto financiados²⁵.

A década de 70, segundo o poeta Cacaso, foi uma época efervescente para a poesia e principalmente para a liberdade de expressão. Todos se expressavam e publicavam suas expressões que, sob as diversas formas continham a mesma essência. Como disse o poeta Cacaso, era como se todos estivessem escrevendo um mesmo poema, um poemão.

Havia claramente, certos sinais no ar, que a poesia captava e poetava, ainda que se evidenciassem variações no alcance crítico e lírico desse poemão. Um sufoco, um mal estar, substancialmente diversos do voluntarismo e da euforia da década anterior – abria, a berro e a soco, o lugar para a fala e a urgência de se experimentar a poesia do dia-a-dia. Aqui, não se tratava apenas de poesia com a marca suja da vida. Percebia-se um esforço para agir e viver a definição de um cotidiano especial, descompromissado, desburocratizado e bem-humorado²⁶.

Na matéria *O destino dos rios bons*, a autora Heloisa Buarque de Hollanda, dialoga com o poeta Waly Salomão. Para ambos, a partir de 78 a Poesia Marginal tende a desburocratização. Os autores também debatem sobre a qualidade literária, antes e depois de 78. E também questionam que valor político terá a Poesia Marginal nos anos 83, ou seja, se ainda era válido as práticas culturais políticas poéticas destes grupos e poetas, ou se elas são apenas gritos que ninguém escuta. Porém, independente da qualidade literária ou não, percebemos nisso “um saldo positivo: nunca se perguntou tanto quanto agora sobre o papel a função do intelectual no Brasil hoje”.

Particularmente, a partir de 1978, com as alterações políticas institucionais promovidas pelo projeto de abertura, torna-se sensível a redefinição de espaços e papéis no interior da produção cultural. A retomada do discurso político direto na imprensa, a reorganização das entidades sindicais e estudantis, os movimentos de massa, a novidade das associações de bairros mobilizam o debatem e retiram da literatura e da produção cultural em geral o privilégio de ter sido, por um bom tempo, o espaço por excelência da discussão sobre a realidade e o momento brasileiro²⁷.

A década de 80 começa sendo desnudada na praia de Ipanema na cidade do Rio de Janeiro. O verão é brindado com o *topless literário* organizado pelo Movimento Poesia Pornô, cujos seus expoentes são os poetas Cairo Trindade, 30 anos e Eduardo Kac, 18 anos. O *topless literário* ainda conta com os grupos: Poetagem, de caráter mais universitário; Bandidos de Céu; e Gandaia, um grupo mais de esquerda. “Estamos abrindo os anos 80”. “O topless consiste em continuar a tirar a roupa da poesia, fazer literatura nua e crua, gostosa, para que as pessoas possam curtir”²⁸.

O Poema Pornô tem como preocupação central a mobilização popular. O grupo atuava todas as sextas-feiras no coração da Cinelândia, lançando manifestos, realizando leituras de poemas, performances, uma verdadeira festa pagã.

O Movimento Pornô se define como arte engajada e mesmo proletária. Dirige-se aos analfabetos, aos operários, ao funcionalismo público, à classe média, às prostitutas, enfim, ao frequentador da Cinelândia, by night. Para isso, seus poemas se fazem fáceis, memorizáveis, sonoros e de sabor picante. Entretanto (...) não se confunda arte pornô com pornografia (reacionário) nem erotismo (moda burguesa e revisionista). Depreende-se que o Poema Pornô, através da liberação e do humor, se quer antes mais nada, conscientizador e politizante. O palavão no caso não deve se confundir com a agressão, mas deve ser tomado com uma linguagem doméstica e popular, excipiente tático para o tratamento de questões como igualdades sociais, injustiça social, opressão e preconceito. O problema social trazido ao povo pela via pornô. Por sua vez, a literatura terá conseguido enfim, o que sempre sonhou: sair da sua pele da virgem mal tocada pela elite, e tornar-se a dama da bandalha amada e declamada em coros nas praças²⁹.

Diz o ‘príncipe pornô’ Eduardo Kac em entrevista a Heloisa Buarque de Hollanda, no qual provoca o Eduardo Kac com a seguinte questão: “Escuta, será que esse povo todo não está aqui só por causa do pornográfico”? Eduardo Kac responde: “Não importa, se o ingrediente melhora o doce, pode ser até veneno. Confirmando e repito: fazemos uma poesia de transgressão, transando sempre o proibido e o oprimido. O poema pornô é conscientizador com toda a pretensão e humildade³⁰”.

Outro grupo que segue a mesma linha é a Gang, composta por vários poetas: Tereza Jardim, Reza Poletti, Ulisses Tavares e Glauco Mattoso (SP); Franklin Jorge (RN); Leila Micólis (RJ); Virgílio de Matos (MG); Antonio C. Rocha (PE); Denise Viana (BA), entre outros. Heloisa Buarque de Hollanda critica a Gang, na qual para a autora, a poesia e a crítica social que pretendem não têm qualidade literária e é carregada de palavrões desnecessários. Em seu artigo *Rasgando Fantasia*, publicado no caderno B do Jornal do Brasil em 19 de fevereiro de 1981, em pleno carnaval, a autora relata que se espanta, fica assustada e até mesmo incomodada quando presencia uma chuva de palavrões proferidos pelo público estimulados pela Gang. “Bacanal não faz

revolução social”. Heloisa nos conta que há uma briga entre integrantes do jornal A Hora do Povo e a Gang. A Gang faz suas apresentações em casas de teatros, bares e também em ambientes universitários como, por exemplo, na Casa do estudante Universitário da UFRJ onde houve um show lotado com um preço salgado para época, Cr\$ 100,00.

No dia 12 de janeiro de 81, acontece o primeiro evento literário na cidade carioca: Poesia Verão 81. A livraria Xanam, localizada em Copacabana, recebe mais de 20 autores para uma noite de autógrafos: Armando Freitas Filho (coleção Polesis – Nova Fronteira; Celso Japiassu (publicou em fim dos anos 70 o livro O Itinerário dos Emigrantes – álbum a cor com ilustrações de Aldemir Martins); Leila Micolis (poeta que desde 1978 publica vários livretos e coletâneas, também organiza antologias de poetas mulheres); Geraldo Carneiro; representantes dos grupos Nuvem Cigana e Quadrilho; Touché; Cláudia Ribeiro; Claudionor Ritondale; Lúcia Villares; Maria Rita Kehl; Maria Pedroso; Ricardo Redisch; Walmir Ayla; e as revistas: Bissexta e Alguma Poesia.

Quem nos conta sobre este acontecimento é uma matéria publicada no caderno B do Jornal do Brasil uma semana após o evento. A matéria intitulada *Da contestação a integração: A jovem poesia descobre o belo de Brasília celebra o verão do Rio e esquece como se panfleta*, nos propõe uma reflexão sobre os rumos que toma a Poesia Marginal nos idos 80. O evento literário, segundo nos conta a matéria, para além de cada poeta apresentar seu trabalho foi também um espaço de debate sobre o devir poético, a condição de poeta marginal:

- Como é a poesia que eles fazem agora? O que pensam do ofício?
- Pertencer a um grupo? Nunca. Os grupos são uma praga, enrustem os autores, os livros. Poesia Marginal? Também não, muita mediocridade esconde-se na esteira do marginalismo. Idade? Não existe, pode-se ser jovem aos 60 anos; essa história de “não confie em ninguém com mais de 30”, já era. Poesia? Difícil de definir. A qualidade da que se faz hoje no Brasil? Há coisas boas e ruins, mas o importante é a animação. Um marco? A publicação da antologia **26 poetas hoje**, organizada pela Heloisa Buarque de Hollanda, que acabou com as fronteiras grupais. Um traço comum a todos ou pelo menos a maioria? O fascínio do cotidiano³¹.

Segundo a poeta Liane dos Santos, “não estamos fazendo uma revolução”, e todos os poetas presentes na livraria Xanam, parecem concordar, menos o jovem poeta de 18 anos, Edmundo Kac, carioca com vários livros impressos em mimeógrafos e representante do grupo Gang, grupo de poesia pornográfica. Para o jovem poeta

Eduardo Kac, “estamos fazendo uma revolução literária tão importante quanto a Semana de Arte Moderna”. O poeta é o único que distribui seu manifesto.

Enquanto na década de 70, vimos poucas mulheres poetas nas publicações estudadas, nas publicações da década de 80 veremos várias mulheres poetas marginais. A Pindaíba, uma cooperativa de escritores de São Paulo, publica a coletânea *Contramão* em 1978. Nele aparecem dois poemas de Lucia Villares, autora do livro *Papos de Anjos*, também publicado pela Pindaíba com financiamento da autora. Sua poesia é uma “poesia muito década de 70, escrevo como falo embora eu raramente fale. Muito pessoal mas com uma dimensão coletiva. Tento dizer nela aquilo que as mulheres tão reprimidas, dizem em momentos raríssimos³²”. As poetas também refletem sua condição de poeta marginal enquanto mulher.

“A esse bando pertença eu, um bando que não se reúne, que não segue linha nenhuma. Melhor dizendo, faço parte de um fenômeno, o da proliferação das mulheres que fazem poesia, mas não na alcova, não na cozinha³³.” Maria Rita Kehl, jornalista, poeta e autora da tese *Sexo e Poder* publicada pela Brasiliense.

“Não há nada de novo no que eu faço não há nada de novo no que eu digo. A diferença é que agora sou eu que existo³⁴”. Liane dos Santos, autora do livro *Verão* publicada pela editora Movimento de Porto Alegre.

A Poesia Marginal/Geração Mimeógrafo entra também na pauta acadêmica e das instituições. Em 1980, o *Jornal do Brasil* divulga a intenção da fundação Rio através do Centro da Cultura Alternativa de criar um acervo nacional de toda produção alternativa veiculada. A Coordenadora do projeto é a jornalista Maria Amélia Mello de 27 anos, a qual também é uma das personagens da geração mimeógrafo. Junto com sua equipe ela expõe os objetivos de construir o acervo:

Nosso objetivo é o de coletar e preservar o que se produziu e que a seu modo, registra a linguagem do que se cria hoje. Ao arquivar e colocar à disposição do público este material. O centro está cumprindo uma meta a curto prazo. Com seu funcionamento restabelecerá um ponto de encontro aberto a debates, mostras, exposições, exhibições, incentivo a teses sobre artistas cariocas contemporâneos, enfim, um local capaz de intensificar a vida cultural³⁵.

A equipe além de coletar material e organizar todo o acervo, também faz uma pesquisa e consulta a vários críticos e intelectuais da época que se propuseram estudar os poetas marginais da geração mimeógrafo. Heloísa Buarque de Hollanda – crítica e professora, Wilmar Barbosa – professor de filosofia da PUC, Mauricio Azevedo – jornalista, professor do curso *Imprensa Alternativa* da PUC, Tessy Calado – atriz,

Sergio Santeiro – cineasta, Silviano Santiago – crítico literário, Abel Silva, Agnaldo Silva, entre outros.

O Centro de Cultura Alternativa da Fundação Rio vai para além do acervo e pesquisa, mas também para ser um espaço/suporte para ações. A equipe acredita que a década de 70 teve de fato uma enorme produção literária e artística de forma geral alternativa, independente, contracultura.

O Centro de Cultura Alternativa pretende editar e publicar a nível nacional, com material graficamente elaborado um

registro crítico do que foi e o que está sendo produzido (com textos de época, quando necessário), entrevistas, depoimentos, artigos teóricos, levantamento bibliográfico. (...) O lançamento esta edição está previsto para sair quando for inaugurado o Espaço Alternativo³⁶.

O Centro de Cultura Alternativa pretende promover encontros de jovens autores, jornais periódicos, uma livraria alternativa, boletim de atividades do centro... Entre outras coisas.

Para a coleta da produção alternativa, dispersa em todo o país, estão sendo enviadas cartas e circulares a pessoas e instituições. Exemplos de jornais, folhetos mimeografados, artigos críticos, livros, cassetes, discos, já estão sendo reunidos na sede da Fundação³⁷.

Em seu artigo *Bandeiras da imaginação antropológica*, Heloisa Buarque de Hollanda debate/dialoga com o trabalho do antropólogo Carlos Alberto Messeder Pereira. A autora discute o trabalho *Retrato de Época*, no qual o autor se dedica a Poesia Marginal dos anos 70. Heloísa Buarque de Hollanda, uma pesquisadora do tema, costuma ver a poesia marginal a partir do ponto de vista literário, da crítica literária, ou seja, para a autora o texto e o espaço dentro deste texto é o objeto de pesquisa, enquanto o antropólogo Carlos Alberto Messeder Pereira vê a poesia marginal a partir de suas práticas cotidianas. O autor mapeia os territórios e os caminhos dos poetas marginais, seus personagens. Para o autor, a prática cotidiana do poeta diz tanto quanto seu texto literário, isto é, importa entender o poeta marginal e sua arte a partir de uma teia de relações, o que seria uma visão global. Desde os espaços onde os poetas atuam até a produção, distribuição e a comercialização/veiculação do livro, a relação entre o público-leitor e o poeta, as diversas expressões da poesia, e etc.

Heloisa sinaliza que a antropologia urbana ainda é um caminho novo e, portanto, o trabalho de Carlos Alberto Messeder Pereira mostra o quão interessante é e o quanto pesquisas como estas contribuem e ampliam o debate da cultura brasileira.

O debate entre os autores segue em outros artigos. Ambos propõem-se a “arrumar a casa”, ou seja, identificar o lugar da Poesia Marginal e principalmente entender a diferença que passa a Poesia Marginal nos idos 80. De 72 a 78 ela é uma poesia preocupada com o cotidiano, porque para ela a arte é vida, acontece no dia a dia. O exercício da linguagem acontece o tempo todo. A poesia é mais um recurso da linguagem. E de 79 até os dias atuais (83) para ambos os autores a Poesia Marginal toma um caráter mais sociológico, cultural, do que literário propriamente dito. A Poesia Marginal, que agora também é poesia alternativa, poesia independente, já está consagrada, porém os novos autores deixam muito a desejar no quesito estético.

Dentre os poetas e as poetisas consagradas temos o poeta Chacal, que publicou seu primeiro livro mimeografado em 1971, com uma pequena tiragem de 100 exemplares. Já em 1972, seu segundo livro, O Preço da Passagem, foi de mil exemplares, no qual contou com participação do grupo Nuvem Cigana na distribuição, um trabalho cooperativo. A tiragem e a distribuição foram crescendo. Em 1983 Chacal é autor de 8 livros, de algumas peças de teatro e também realiza trabalhos musicais em parceria com a Blitz e o Moraes Moreira.

A poeta Ana Cristina César é também umas das poetisas consagradas da Poesia Marginal, Ana Cristina César se destaca por sua qualidade literária visceral, a poeta morreu em 29 de outubro de 1983.

Conclusão

Diante disso, temos aqui uma hipótese de que a Poesia Marginal se fez possível devido a uma falência geral no mercado editorial, a falta de políticas pontuais no âmbito da literatura. Tais matérias apontadas aqui nos mostram que os escritores reclamam a falta de leitores, justificados pelo alto preço dos livros, os quais a maioria da população não pode pagar. Comprar um livro se torna uma aquisição. O acesso do leitor ao livro é excludente e a Poesia Marginal rompe com essa barreira. Logo, o mimeógrafo torna-se um importante instrumento revolucionário do poeta, que não quer sua poesia engavetada, que acredita que a palavra deva chegar a todos. Antes que nada, é uma proposta de tornar a palavra acessível, ao alcance de todos.

Há uma descrença geral por parte dos poetas marginais com as editoras, com as instituições, partidos e academias, logo a Poesia Marginal/Geração Mimeógrafo nasce rompendo com os mesmos.

Ao acompanhar o debate nos jornais notamos que durante os anos de chumbo da ditadura militar (1968-1974), a Poesia Marginal/Geração Mimeógrafo apesar das

críticas quanto à estética, é muitas vezes elogiada, ou ao menos dão a ela uma importância na história da contracultura brasileira. À medida que se inicia o processo de abertura política (1979-1984) a Poesia Marginal/Geração Mimeógrafo vai ‘perdendo’ credibilidade entre os debatedores. Muitos artigos publicados nos jornais estudados aludem a uma falta de sentido para a Poesia Marginal nos anos 80. Contudo, podemos concluir que para alguns, a Poesia Marginal/Geração Mimeógrafo é necessária num contexto de repressão, já que ela traz consigo sua proposta libertária por essência. Por ser uma poesia engajada, logo é uma ferramenta de revolução. Portanto, o que muitos poetas marginais alegam é a constante necessidade de luta, de denúncia, do exercício cotidiano da palavra poética – o poeta é um messias e salvar a cultura nacional é a sua missão.

Por fim, a Poesia Marginal/Geração Mimeógrafo materializada nos jornais nos sinaliza as quantas andava o mundo da literatura ante a ditadura militar. A palavra versejada a berro nas praças era mais ágil às censuras e repressões que sempre chegavam quando o bloco já havia versado o seu samba.

Bibliografia

I. POESIA MARGINAL

BRITO, Antonio Carlos de & HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Nosso verso de pé quebrado. Argumento, Rio de Janeiro, ano 1, n° 3. Jan./1974. Editora Civilização Brasileira. pp. 81 – 94.

GILFRANCISCO. **Imprensa alternativa e Poesia Marginal, anos 70**. Editora: Faculdade Atlântico, Aracaju, 2006.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/70**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

_____. 26 poetas hoje. Rio de Janeiro : Aeroplano, 2007.

MATTOSO, Glauco. **O que é poesia marginal?** São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Retrato de época: poesia marginal. Anos 1970**. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1981.

II. HISTÓRIA, LITERATURA E TEORIA LITERÁRIA

ANDRADE, Oswald. **A utopia antropofágica**. Obras completas. São Paulo: Globo, 1995.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura, vol. 1**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BURKE, Peter. In: Culturas populares e Cultura de elite. Disponível em: http://www.dhi.uem.br/publicacoesdhi/dialogos/volume01/Rev_a01.htm.

_____. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo, Editora Cultrix LTDA, 1992.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CHALHOUB, Sidney (org). **A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro, Graal, 1986.

_____. **Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão! : memória operária, cultura e literatura no Brasil**. 3 ed.rev.e ampl. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa: tomo I**. São Paulo: Papyrus Editora, 1994.

RIDENTI, Marcelo. “Cultura e política: os anos 1960-1970 e sua herança”. In: Ferreira, Jorge e Delgado, Lucilla de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano – O tempo da ditadura. Regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003. pp.133-166.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

VELLOSO, Monica Pimenta. *O modernismo e a questão nacional*. In: Ferreira, Jorge e Delgado, Lucilla de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano – O tempo do Brasil excludente da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006. pp. 353-386.

WHITE, Hyden. **Trópicos do Discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura.** São Paulo: USP, 2001.

III. SOCIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E FILOSOFIA

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GRAMSCI, Antonio. **Literatura e vida nacional.** Rio de Janeiro : Civilização brasileira, 1968.

_____. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1985. 5º ed

Fontes

Arquivo Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional

Fontes referentes ao período 1970-79:

Jornal Opinião

Edição 00033 pp 22-24 1973

Edição 00034 pp 21-24 1973

Edição 00031 / pp 20-24 / 1973

Edição 00118 pp 22-24 1974

Edição 00195 pp 30-32 30/07/1976

Jornal do Brasil

Edição 00075/ pp 4-5/1974

Edição 00074/ pp 4-5/1974

Edição 00018/ pp 5/1976

Edição 00031/ pp 8/1976

Edição 00088/ pp 7 /1976

Edição 00288/ pp 6 /1977

Edição 00015 / pp 6 /1977

Edição 00099 / pp 2 /1977

Edição 00183 / pp 5 /1977

Edição 00054 / pp 11 / 1978

Edição 001689 / pp 2 /1978

Edição 00181 / pp 11 / 1978

Edição 00161 / pp 30-33 / 1979

Fontes referentes ao período 1980-84:

Jornal do Brasil

Edição 00011 / pp 11 / 1980

Edição 00018/ pp 4-5/1980

Edição 00098/ pp 4/1980

Edição 001375/ pp 09 – 10 /1980

Edição 00317/ pp 07/1980

Edição 00249/ pp 10/1980

Edição 00275/ pp 11/1981

Edição 00282/ pp 40/1981

Edição 00317/ pp 10/1981

Edição 00066/ pp 10/1981

Edição 00192/ pp 11/1981

Edição 00199/ pp 10/1981

Edição 00248/ pp 10/1981

Edição 00280/ pp 10/1983

Edição 00036/ pp 10/1983

Edição 00225/ pp 02/1983

Edição 00242/ pp 02/1983

Edição 00204 / 1984

Edição 000205/ pp 02/1984

¹ In: Jornal Opinião, edição 00191/ pp 25-32/1976

² Idem.

³ In: Jornal Opinião, edição 00195 /pp 30-32/1976

⁴ In: Jornal Opinião, edição 00191/pp 25-32/1976

⁵ Idem.

⁶ In: Jornal do Brasil. Edição 00075/ pp 4-5/1974

⁷ In: Jornal do Brasil. Edição 00075/ pp 4-5/1974

⁸ In: Jornal Opinião, edição 00191/pp 25-32/1976

⁹ In: Jornal Opinião, edição 00033/pp 22-24/1973

¹⁰ No mês de janeiro de 1973 o salário mínimo é de Cr\$ 268,00 e sobe para Cr\$ 312,00 em maio do mesmo ano.

¹¹ In: Jornal do Brasil, edição 00075/ pp 4-5/1974

¹² In: Jornal Opinião, edição 00118/ pp 22-24/ 1974

¹³ In: Jornal do Brasil, edição 00074/ pp 4-5/ 1975

¹⁴ Idem.

¹⁵ In: Jornal Opinião, edição 00033 pp 22-24 1973

¹⁶ In: Jornal do Brasil, edição 00074/ pp 4-5/ 1975

¹⁷ In: Jornal do Brasil, edição 00018/ pp 5/1976

¹⁸ Idem.

-
- ¹⁹ Idem.
- ²⁰ In: Jornal do Brasil, edição 00018/ pp 5/1976
- ²¹ idem.
- ²² In: Jornal do Brasil, edição 00075/ pp 4-5/1974
- ²³ In: Jornal Opinião, edição 00033/pp 22-24/1973
- ²⁴ In: Jornal do Brasil. Edição 00015 / pp 6 /1977
- ²⁵ In: Jornal do Brasil. Edição 00098/ pp 4/1980
- ²⁶ In: Jornal do Brasil. Edição 00249/ pp 10/1980
- ²⁷ Idem.
- ²⁸ Jornal do Brasil. Edição 00317/ pp 10/1981
- ²⁹ Idem.
- ³⁰ Idem.
- ³¹ In: Jornal do Brasil. Edição 00282/ pp 40/1981
- ³² Idem.
- ³³ Idem.
- ³⁴ Idem.
- ³⁵ Jornal do Brasil. Edição 00098/ pp 4/1980
- ³⁶ Idem.
- ³⁷ Idem.